

FOUCAULT: DO PODER DISCIPLINAR AO BIOPODER

FRANCISCO RÔMULO ALVES DINIZ¹
ALMEIDA ALVES DE OLIVEIRA²

Resumo: O objetivo deste artigo é fazer um mapeamento dos elementos e das questões que possibilitaram ao filósofo francês Paul Michel Foucault (1926-1984), elaborar um conceito de poder baseado nas relações sociais. Investiga-se, assim, a construção do poder como um mecanismo que se desenvolve a partir das relações sociais. Para tanto, serão analisados conceitos como a genealogia e a microfísica do poder, poder disciplinar, poder de soberania, biopoder e biopolítica.

Palavras-chave: *Poder. Genealogia. Sociedade.*

INTRODUÇÃO

Para tratar da questão do poder, Michel Foucault elaborou um estudo na década de 1970, utilizando uma abordagem ainda inovadora do ponto de vista metodológico. O que se encontra em suas análises do poder é um deslocamento do modo como ele pode ser investigado. Pois, enquanto as teorias clássicas atribuíam ao Estado uma espécie de monopólio do poder, Foucault desenvolve a sua análise não a partir do centro, isto é, do Estado, do poder instituído e estruturado, mas das periferias, dos “micro-poderes”, para enfim, descobrir como ele permeará todas as estruturas sociais. Ele proporá uma pesquisa de cunho histórico e, a partir dela, procura reconhecer as diferentes formas de domínio do poder, analisando suas transformações e sua constituição histórica. Inspirado em Nietzsche, Foucault chamará de “genealogia” o método usado para identificar a articulação das novas formas de poder.

Foucault identifica, inicialmente, como os filósofos clássicos buscavam justificar o poder a partir da soberania. Pois, o soberano detinha o direito de “deixar viver” ou “fazer morrer”. São, pois, nas sociedades europeias do século XVIII o contexto no qual surgem novas tecnologias de poder. Elas só serão possíveis com o advento da categoria “sujeito” e são os corpos físicos das pessoas o

1 Doutor em Filosofia pela *Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)*, *Universidade Federal da Paraíba (UFPB)* e *Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)*. Professor do Curso de Filosofia da *Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)*. Membro do GPOL e do GEPHIR. E-mail: romulodiniz40@gmail.com

2 Bacharel em Filosofia pela *Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)*. E-mail: almeidafilosofo@gmail.com

primeiro espaço no qual fora exercida uma nova forma de poder. (FOUCAULT, 2007, p. 17) Isto ocorre com a institucionalização das escolas, dos hospitais, dos quartéis, das prisões entre outros ambientes denominados como instituições de “sequestro”. Esta denominação é utilizada pelo fato de individualizar o sujeito e usar técnicas disciplinares para docilizá-lo. Ao lado do poder disciplinar, surgirá no final do século XVIII um tipo de poder que será nominado por Foucault de biopoder.

É o contexto daquelas sociedades que surge o *poder disciplinar*, que nasce como uma tecnologia de poder que trata o corpo do homem como uma máquina, objetivando adestrá-lo para transformá-lo em um instrumento útil aos interesses econômicos. Concomitantemente surge o *biopoder*, cujo foco não é o corpo individualizado, mas o corpo coletivo. O biopoder não se diferencia somente do poder disciplinar, mas também do poder soberano, pois enquanto na soberania havia um direito do soberano “deixar viver” ou “fazer viver”, no biopoder haverá uma tecnologia de poder voltada para o “fazer viver” e o “deixar morrer”, que será um poder que vai se encarregar da preservação da vida, eliminando tudo aquilo que ameaça a preservação e o bem estar da população.

A GENEALOGIA DO PODER

Foucault introduziu a palavra genealogia em *A vontade de saber*, e em alguns cursos do Collège de France³, entretanto, é na obra *Vigiar e punir* (1975) que o sentido da palavra vai aparecer mais claramente. De acordo com Roberto Machado, estes livros fizeram com que a questão do poder fosse introduzida nas análises históricas como um instrumento que conseguiu explicar como ocorre a produção dos saberes (MACHADO, 2009). O projeto genealógico – inspirado na forma nietzschiana de indagar acerca dos nexos entre poder e saber – vai mostrar uma originalidade, sobretudo quando comparado à ideia de poder como “superestrutura” apresentada pelo Marxismo.⁴ Contrapondo a ideia “*macrofísica*” de um poder que está situado apenas nas relações de força que existem nas altas classes e no Estado, Foucault formulou a ideia de “*microfísica*” afirmando que o poder está diluído em todos os setores da sociedade sob a forma de relações (FORNERO, 2007). Dessa forma, para mostrar a importância do conceito de genealogia nas investigações sobre a funcionalidade do poder, Foucault afirma o seguinte:

3 No período de janeiro de 1971 até junho 1984. Foucault lecionou no Collège de France, na cadeira de “*História dos sistemas de pensamento*”. Durante este período ele deu aulas e seminários, que foram registrados com gravadores de fita cassete e depois foram editados e publicados na forma de livros. (FOUCAULT, *Segurança, Território, População*, Martins Fontes, 2008).

4 Marx tinha uma ideia de poder no qual afirmava que tudo dependia inclusive da economia. (FORNERO, Giovanni. Poder, genealogia do. In: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5ª ed. São Paulo: Martins fontes, 2007. p. 894.)

A genealogia exige, portanto, a minúcia do saber, um grande número de materiais acumulados, exige paciência. Ela deve construir seus ‘monumentos ciclópicos’ não a golpes de ‘grandes erros benfazejos’ mas de ‘pequenas verdades inaparentes estabelecidas por um método severo’. Em suma, uma certa obstinação na erudição. A genealogia não se opõe à história como a visão altiva e profunda do filósofo ao olhar de toupeira do cientista; ela se opõe, ao contrário, ao desdobramento meta-histórico das significações ideais e das indefinidas teleologias. Ela se opõe à pesquisa da ‘origem’. (FOUCAULT, 1979, p. 16)

Por se tratar de um tipo especial de história, isto é, aquela “que tenta descrever uma gênese no tempo” (VEIGA-NETO, 2011, p. 56), a genealogia é um tipo de pesquisa que se deve fazer com bastante precisão, sobretudo porque não se trata de fazer uma busca pela origem, no sentido literal, em que “gosta-se de acreditar que as coisas em seu início se encontram em estado de perfeição” (FOUCAULT, 1979, p. 18), mas procurar dedicar-se à análise meticulosa de toda a construção histórica do saberes reconhecendo os acontecimentos da história como peças fundamentais, para não cair no erro de acreditar nos exageros “metafísicos”. Não se deve ver a pesquisa genealógica⁵ como uma ciência no sentido estrito do termo. Trata-se de um método que deve ser utilizado - assim como Nietzsche e Foucault fizeram - como uma análise dos saberes. Percebe-se em Foucault uma atenção voltada para as constantes tensões relacionadas às práticas de poder. Portanto, a genealogia deve ser entendida como um conjunto de procedimentos a serem utilizados para conhecer o passado, mas não somente para isso, pois ela é fundamental para que o homem se rebelde contra o presente.

A genealogia é um método que evita fazer interpretações daquilo que já foi dito, seu objetivo é descrever historicamente as interpretações que já foram postas como verdades dos enunciados históricos. Fazer genealogia é desconstruir o discurso essencialista de enunciados que aparecem como grandes descobertas, e mostrar que estes não passam de invenções que nasceram de discursos repetitivos sobre elas.⁶ Sendo assim, a pesquisa genealógica não parte de um objeto fixo no presente para ir ao passado na tentativa de explicar a origem de tal objeto. Mas mapeará as investigações de fragmentos

5 Para que se possa fazer uma pesquisa genealógica, devem-se ter alguns cuidados que Foucault chama de precauções metodológicas. Estas por sua vez são elencadas da seguinte maneira: a primeira precaução é analisar o poder não em seu centro, mas nas extremidades, em suas formas e instituições mais regionais. Segunda precaução: ao invés de se perguntar, quem tem o poder? Ou por que alguns querem dominar? Deve-se estudar o poder em sua face externa, onde ele se relaciona diretamente com o seu objeto, ou seja, onde ele se implanta e produz seus efeitos reais. Terceira precaução: o poder deve ser analisado como algo que só funciona em cadeia. Por isso, não se deve toma-lo como um fenômeno de dominação maciço de um indivíduo sobre os outros. Quarta precaução: fazer uma análise descendente, ou seja, analisar como as técnicas de poder atuam nos níveis mais baixos, como se deslocam e se modificam sendo depois anexados por fenômenos mais globais. Quinta e última precaução: devido ao fato das grandes máquinas de poder ser acompanhadas de produções ideológicas, para que o poder seja exercido, será necessário organizar aparelhos de saber que não são construções ideológicas. (FOUCAULT, 1979, p. 182-186)

6 Discurso relativo à teoria das essências, ou origens.

e omissões que se tratando da história tradicional são deixados de fora. Esse mapeamento é um tipo de pesquisa que Foucault chama de “ascendência”, pois se trata da descrição de fatos históricos construídos em cima de interpretações.⁷ Foucault recomenda que “Chamemos provisoriamente genealogia o acoplamento do conhecimento com as memórias locais, que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização deste saber nas práticas atuais” (FOUCAULT, 1979, p. 171). É importante salientar que a proposta genealógica não é fazer uma interpretação a respeito destas interpretações, mas apenas descrevê-las para que se tenha acesso a elas por se tratar de algo que é imposto ao homem. Deste modo, para designar o ponto de surgimento no passado, Foucault vai se utilizar do termo “emergência”,⁸ para garantir que não se entenda este passado como um conceito de presente. Ou seja, a emergência é uma forma de evitar o equívoco de “querer encontrar no passado aquilo que é próprio do presente e que se engendrou num quase sempre complexo processo histórico” (VEIGA-NETO, 2011, p. 61). Este conceito torna a genealogia diferente do historicismo tradicional que entende as instituições do passado como algo menos desenvolvido do que as que temos no presente.⁹

O método genealógico foi fundamental para contrapor a ideia de um poder macrofísico defendido pelos marxistas, e apresentar uma nova concepção de poder que se espalha por todo o tecido social alcançando todos os níveis e classes da sociedade, esta inovadora análise Foucault chamará de Microfísica do Poder.

A MICROFÍSICA DO PODER

Uma das características que se pode perceber na análise do poder de Foucault é um importante deslocamento que ele faz da ideia de poder como algo que é monopolizado pelo Estado, para um poder que é baseado nas relações sociais através de uma rede de “micro-poderes”. Ou seja, trata-se de analisar o poder partindo não do centro (que é entendido como o Estado), mas das periferias. Pois é analisando as relações de poder nos níveis periféricos da sociedade que se pode ter uma noção melhor de como ele torna-se onipresente em todas as estruturas sociais. O próprio Foucault afirma o seguinte:

em primeiro lugar: não se trata de analisar as formas regulamentares e legítimas do poder em seu centro, no que possam ser seus mecanismos gerais e seus efeitos constantes. Trata-se, ao contrário, de captar o poder em suas extremidades, lá onde ele se torna capilar;

7 Tradução do Alemão de “Herkunft” feita por Alfredo Veiga-Neto.

8 Este termo também é uma tradução de Alfredo Veiga-Neto para o termo Alemão “entstehung”.

9 Este conceito é fundamental para se entender a pesquisa genealógica na medida em que se foi dito que ela não parte do presente para julgar o passado, nem tenta entender o passado com categorias do presente, mas procura apenas o ponto de surgimento de um objeto a ser analisado.

captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violento (FOUCAULT, 1979, p. 182).

Percebe-se que a preocupação de Foucault é dar conta do modo como se deve buscar compreender o “nível molecular de exercício do poder” (MACHADO, 2009, p. 169). Para isso ele vai voltar o seu olhar para instituições como os hospitais, as fábricas, as escolas, os hospícios, os quartéis, entre outros, que vão ajudar a entender como as relações de poder são formadas e como identificar estas várias relações de poder que de certa forma estão fora do Estado. Por isso, não se deve pensar que o poder vem do Estado e que este seja o seu detentor, pois “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo, e sim porque provem de todos os lugares” (FOUCAULT, 1988, p. 89). Está em cada relação de força, ninguém escapa do poder, de uma forma ou de outra, todos se utilizam deste dispositivo que, vai atravessar todo o tecido social.

A análise microfísica do poder parte da ideia de que não é no Estado que se encontra a origem de todo o poder social, ele não é necessariamente o ponto de partida para a origem do poder. Na verdade, não se pode dizer que o poder está nem nos altos escalões da sociedade nem nas periferias. Seria um equívoco afirmar que o poder pode estar em um lugar e em outro não. Pois, no conceito foucaultiano de poder, não existem lugares com certa concentração de poder enquanto outros lugares seriam como um vácuo sem poder. Esta análise se destaca justamente por afirmar que os poderes não estão localizados em um lugar específico da sociedade, mas estão distribuídos como uma rede de mecanismos que não escaparam a ninguém em toda a estrutura da sociedade. O interessante desta análise é que a partir dela pode-se afirmar que o poder não é algo que se pode ter como uma propriedade¹⁰ que alguns possuem e outros não, mas algo que é inerente a todo homem, onde quer que ele se encontre e se relacione. Portanto, não existem os que têm o poder e os que estão desprovidos de qualquer tipo de poder. Nas relações de poder, todos na sociedade exercem o poder, pois ele é algo que existe nas práticas sociais, efetuando-se como uma “máquina” espalhada por toda a estrutura social. Mas não foi sempre que o poder foi visto dessa forma, pois na idade média muitos pensadores e juristas defendiam a ideia de um poder como propriedade de direito de um soberano.

O Poder Soberano

10 Esta análise contrapõe a ideia clássica de um poder que está nas mãos dos “poderosos” (representados pelo estado e classes), enquanto que os marginalizados não detêm nenhum poder na sociedade. Na verdade, ninguém detém o poder.

Na Idade Clássica, a soberania era a forma de poder predominante. Muitos pensadores e jurista queriam encontrar uma forma de legitimação do poder soberano, e por isso eles acreditavam que “a partir da multiplicidade dos indivíduos e das vontades, é possível formar uma vontade única, ou melhor, um corpo único, movido por uma alma que seria a soberania” (FOUCAULT, 1979, p. 183). Trata-se de uma tecnologia de poder característico das sociedades absolutistas que antecederam a democracia¹¹. Essa técnica absolutizava o poder do soberano sobre os súditos, condicionando-os a servir-lhes de forma “voluntária”.¹² Um dos pensadores que defendiam essa modalidade de poder era Hobbes, que em sua obra *Leviatã*, apresenta um personagem mitológico como uma analogia para legitimar sua teoria de poder do Estado (FOUCAULT, 1979). Para esclarecer como Hobbes esquematizava sua teoria absolutista no *Leviatã*, Foucault afirma o seguinte:

recordem o esquema do leviatã: enquanto homem construído, o leviatã não é outra coisa senão a coagulação de um certo numero de individualidades separadas, unidas por um conjunto de elementos constitutivos do Estado; mas no coração do Estado, ou melhor, em sua cabeça, existe algo que o constitui como tal, e este algo é a soberania, que Hobbes diz ser precisamente a alma do leviatã (FOUCAULT, 1979, p. 183).

O poder de soberania que Hobbes, assim como muitos outros pensadores e juristas tanto defenderam é justamente o que Foucault vai criticar em sua “microfísica do poder”. Contudo, sua análise não partirá da soberania em seu “edifício único”, mas dos súditos em suas relações recíprocas e das varias formas de sujeição que funcionam no íntimo de todo o “tecido social”. Ou seja, Foucault elabora sua análise do poder não a partir do soberano, mas como os súditos foram constituídos gradualmente a partir da “multiplicidade dos corpos” e como aconteceu o progresso de sujeição que constituiu o sujeito que existe em cada súdito.

Essa metodologia será fundamental para analisar o poder como algo que só pode funcionar em cadeia e que jamais deve ser visto como um bem que alguns poucos podem se apropriar¹³. A esse tipo de método Foucault chamará de “análise ascendente”, por se tratar de um tipo de pesquisa que irá partir dos mecanismos “infinitesimais” com seus elementos,¹⁴ e depois analisar todo o desdobramento

11 Embora que a democracia tenha incorporado a tecnologia do poder de soberania, foi nas sociedades absolutistas que esta tecnologia esteve mais presente, devido ao modelo arcaico do direito de soberania. (FOUCAULT, 1979, p. 188-189).

12 No regime absolutista, a técnica do poder soberano condicionava os súditos a servirem de uma forma que parecia voluntária, mas no fundo existia um princípio de escravidão e domínio do corpo do súdito por parte do soberano, por se tratar de uma época em que o soberano estava acima da lei e por isso tinha o direito de tirar a vida do súdito ou deixá-lo viver. (GALLO, Silvio. O pensador transversal: O poder como relação. [Editorial]. *Discutindo filosofia*, ano I, n.6, p. 34-45, [S.D].)

13 Diferente das ideias absolutistas que afirmavam que o poder é um direito para poucos, Foucault afirma que se o poder não estiver em circulação, não poderá ser exercido, pois o poder “só funciona em cadeia”. (FOUCAULT, 1979, p. 183).

14 Esses elementos referem-se às técnicas, táticas, o caminho percorrido, pois todos esses mecanismos têm uma história

desse mecanismos em mecanismos mais gerais com formas de poder mais globais. Ou seja, analisar a maneira como os procedimentos de poder vão atuar nos níveis mais baixos da sociedade e depois se deslocam, expandindo-se para serem investidos e anexados em “fenômenos mais globais”.

Para entender melhor como esse deslocamento do poder atua na sociedade, é preciso ficar atento à relação de acontecimentos como a ascensão da burguesia como classe dominante no final do século XVI, e a internação dos loucos. A situação dos loucos ficou muito complicada, pois “as cidades escorraçavam-nos de seus muros”, para que depois ele fossem “recebidos nos hospitais e tratados como loucos. (...) um lugar de detenção reservado aos insanos” (FOUCAULT, 1979, p. 10). E essa atitude era só uma das tecnologias de poder que excluía aqueles que eram inúteis para produção industrial. Embora essa discussão sobre a loucura seja rica e profunda, está sendo usada aqui apenas como um dos elementos fundamentais para compreender como Foucault parte de baixo para examinar o funcionamento dos mecanismos de poder. Sem partir da burguesia que está no alto, Foucault examinará os agentes de dominação nos núcleos mais elementares da sociedade,¹⁵ para compreender qual é a lógica determinante que deu início a “uma conjuntura precisa e por meio de um determinado número de transformações começaram a se tornar economicamente vantajosas e politicamente úteis” (FOUCAULT, 1979, p. 185). Quando Foucault faz esse exame, ele afirma que seria desnecessário que a burguesia excluísse os loucos, embora o interesse da burguesia não fosse a exclusão ou repressão em si, mas a técnica e os procedimento de exclusão que seriam fundamentais para sustentar os mecanismos globais do sistema do Estado.

Portanto, mesmo que na soberania existisse uma tecnologia de poder centralizada no soberano, como por exemplo, a ideia de que o rei tinha o direito sobre a vida dos súditos, e com isso, ele podia determinar quem deveria viver e quem deveria morrer, sem ter que prestar esclarecimentos a ninguém. As técnicas de poder utilizadas pela soberania como ferramentas de um conjunto de ideias precisam ser investigadas com cautela, pois, para perceber o deslocamento feito por Foucault em suas investigações sobre o poder pode mostrar que todos esses acontecimentos são muito importantes, uma vez que é a partir desse deslocamento do poder soberano para o corpo social que veremos um dos maiores frutos das transformações da sociedade burguesa, a saber, o poder disciplinar.

O PODER DISCIPLINAR

Michel Foucault dedica-se com afincado à análise do poder disciplinar. A disciplina não é uma instituição, nem um aparelho de Estado. É uma técnica de poder que funciona como uma rede que vai por trás deles.

15 Esses núcleos elementares são, por exemplo, a família, a vizinhança, os pais, o médico etc.

atravessar todas as instituições e aparelhos de Estado. Este instrumento de poder que atua no corpo dos homens usará a punição e a vigilância como principais mecanismos para adestrar e docilizar o sujeito, pois é a partir deles que o homem se adequará às normas estabelecidas nas instituições como um processo de produção que, a partir de uma “tecnologia” disciplinar do corpo, construirá um sujeito com utilidade e docilidade.

A ideia de um sujeito útil e dócil é uma concepção positiva utilizada por Foucault para dissociar os termos repressão e dominação que definiam a intervenção violenta do Estado sobre os cidadãos. Foucault mostrará com isso que se a dominação capitalista fosse baseada somente na repressão, ela não se manteria por muito tempo. A princípio é fundamental entender que “a disciplina é um tipo de organização do espaço. É uma técnica de distribuição dos indivíduos através da inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório” (MACHADO, 2009, p. 173). Essa disciplina é um mecanismo que propiciará uma transformação do sujeito, tirando da “força do corpo” sua “força política” e tornando máxima sua “força útil”. Todavia, apesar de se falar muito em força, o poder disciplinar não será imposto com uma forma de violência explícita, mas totalmente discreto e sutil, para que não seja percebido, sobretudo pelo fato de já ter existido métodos violentos que não alcançaram resultados tão eficazes como a disciplina, conforme afirma Foucault:

esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar ‘disciplinas’. Muitos processos disciplinares existem há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII formulas gerais de dominação. Diferentes da escravidão, pois não fundamentam numa relação de apropriação dos corpos; é até a elegância da disciplina dispensar essa relação custosa e violenta obtendo efeitos de utilidade pelo menos igualmente grandes (FOUCAULT, 2010, p. 133).

A disciplina apresentada por Foucault é bem diferente de outras técnicas de dominação do homem, como a domesticidade, a “vassalidade” e as disciplinas monásticas, que são constituídas a partir de uma dominação constante e não analítica, de uma relação de submissão altamente codificada, e também de renúncias que são maiores do que a utilidade, aplicando-se à obediência de outra pessoa (FOUCAULT, 2010). A disciplina segundo Foucault tem seu marco histórico na medida em que surge com ela uma arte do corpo humano (FOUCAULT, 2010) que não está preocupada somente com a sujeição e o aumento das habilidades do sujeito, mas preocupa-se, sobretudo, com uma relação formada a partir de mecanismos que irão tornar o sujeito tanto mais obediente quanto mais útil.

Formar-se-á então uma política de coerção partindo de um trabalho minucioso que manipulará de forma calculada os gestos, comportamento e outros elementos do corpo humano inserindo-o em uma espécie de maquinaria do poder que irá esquadrihá-lo, desarticulando-o para que o mesmo

seja recomposto.¹⁶ Esse processo chamado de “anatomia política” ou “mecânica do poder”, será o responsável por fazer funcionar as operações com a rapidez e a eficácia que se espera e funcionará como a fabricação de corpos exercitado, submissos e acima de tudo, dóceis. É a partir dessa experiência fundada na disciplina que Foucault analisará o que ele chama de “fabricação dos indivíduos máquina”.

A Fabricação dos Indivíduos Máquinas

O poder disciplinar começou a ser exercido nas instituições do continente europeu a partir do século XVIII. Instituições como as prisões, as fábricas, as escolas, os hospitais e os quartéis terão em seu interior uma espécie de adestramento do sujeito moderno. Não há explicitamente uma dominação do homem, mas uma espécie de introjeção¹⁷ que irá moldar a pessoa no processo que usará técnicas de adestramento do indivíduo que Foucault chamará de “fabricação de indivíduos máquinas”.

A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. Humildes modalidades, procedimentos menores, se os comparamos aos rituais majestosos da soberania ou aos grandes aparelhos do Estado (FOUCAULT, 2010, p. 164).

Essa fabricação do indivíduo acontecerá a partir de um processo lento e cauteloso. Em *Vigiar e punir*, Foucault analisa esse processo de fabricação tomando por base a figura do soldado. Esse personagem que terá o corpo como um “brasão” representando sua coragem, força, vigor, entre outros elementos que são obrigatórios para que ele seja reconhecido de longe e admirado como um exemplo de disciplina. Claro que não era todo homem que trazia consigo tais qualidades, por isso, na segunda metade do século XVIII, o soldado começou a ser algo que se fabrica. Para fazer a “máquina” que se precisava, corrigia-se lentamente a postura, uma coação calculada percorrerá paulatinamente cada parte do corpo, tornando-se senhor dele e se prolongando de forma silenciosos, aproveitando-se dos hábitos que se tornavam cada vez mais automáticos.¹⁸ Após esse longo processo via-se a massa informe, de um corpo inapto de camponês dar espaço à magnífica “fisionomia do

16 O homem será estudado a partir de uma investigação minuciosa para com isso descobrir como se utilizará o método de manipulação de forma mais eficaz.

17 Na teoria da psicanálise, esse termo é usado para designar o processo pelo qual a criança incorpora os valores dos pais e da sociedade, transformando-os em seus.

18 Essa é uma analogia que Foucault usa para se referir ao sujeito como um objeto que pode ser fabricado.

soldado” (FOUCAULT, 2010, p. 133). Portanto, o quartel passa a usar a disciplina para a fabricação de um sujeito que atenda seus principais requisitos de um soldado modelo.

Todavia, o que se pretende aqui, não é fazer a história das diversas instituições disciplinares, nem se ater às suas particularidades, mas fazer uma genealogia para localizar (a partir dos exemplos) as técnicas essenciais que irão se generalizar entre elas com mais facilidade. Pois essas técnicas que começaram mais especificamente no século XVII, não pararam de se alastrar por todas as áreas da sociedade e que com sutileza vão formando aos poucos uma “microfísica” do poder que tomará todo o “tecido social”. Não se trata de somente descrevê-las, mas ater-se às minúcias das figuras, para perceber como esse mecanismo desfia-se nas estruturas da sociedade e faz do sujeito um instrumento fácil de ser manipulado. É com essa convicção que Foucault vai além, e discute em *Vigiar e Punir* a criação do panoptismo como um sistema de vigilância e controle exercido sobre o sujeito.

O Panoptismo

A partir da análise da obra *panopticon* de Jeremy Bentham,¹⁹ Foucault vai apresentar o panoptismo como a criação de um dispositivo de poder, baseado na vigilância e no controle. Esse dispositivo irá funcionar por meio da visibilidade e da localização dos corpos no espaço. Aquele dispositivo faz com que o sujeito sintam-se controlado pela simples força do olhar daquele que o observa, já que o observador deve estar permanentemente observando os indivíduos. Sobre a sua importância Foucault reitera:

daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegure o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustenta uma relação de poder independente daquele que o exerce: enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores (FOUCAULT, 2010, p. 191).

O Panóptico foi fundamental para aperfeiçoar o poder no século XVIII, pois torna desnecessário o uso da força bruta para obter o controle dos indivíduos, uma vez que o sujeito é induzido a se sentir

19 O Panóptico é uma prisão cuja arquitetura é da seguinte forma: ao redor de uma torre cheia de janelas é construído um conjunto de celas em forma de anel que terão as janelas da torre direcionadas para a parte interna desse anel. Cada cela terá duas janelas, uma na parte externa e outra na parte interna do anel, que será correspondente às janelas da torre. Isso será necessário para que a luz que atravessa a cela chegue até a torre e então é só colocar um vigia na torre central que ele terá uma visão privilegiada do sujeito que está sendo vigiado. (FOUCAULT, 2010, p. 190)

vigiado mesmo quando não está sendo observado por ninguém.²⁰ Esse dispositivo de poder tornou-se indispensável e sua utilização ampliou-se para vários setores da sociedade como, por exemplo, as escolas, as fábricas, os conventos, os hospícios e quaisquer outras instituições no qual o controle sobre o comportamento se fazia necessário.

Com isso, tem-se um mecanismo de poder disciplinar que fará nascer de uma relação “fictícia” uma sujeição real. Essa é uma fórmula econômica de submeter uma pessoa a fazer aquilo que se espera sem ter que apelar para a força e a violência. Analisando nessa perspectiva, percebe-se o nascimento de uma nova tecnologia de poder disciplinar com a capacidade de alcançar diversas instituições de poder. Esse alcance possibilita a diversificação da utilização das técnicas “Panópticas” considerando que “o Panóptico pode ser utilizado como uma máquina de fazer experiências, modificar o comportamento, treinar ou retrainar os indivíduos” (FOUCAULT, 2010, p. 193). Essa “máquina Panóptica” mostrará sua eficiência na fábricas, como também nos escritórios onde a vigilância torna-se uma constância entre os operários ou funcionários dos departamentos. Além disso, existe também a aplicação das técnicas Panópticas nas experiências pedagógicas, para abordar o problema da educação reclusa.²¹ Portanto, é com a capacidade de penetrar no comportamento do sujeito que o Panóptico vai funcionar como um “laboratório de poder” que consegue descobrir objetos fundamentais para o aumento de saber sobre as técnicas de poder disciplinar.

Vimos assim o poder disciplinar tratar o corpo do indivíduo como máquina com o objetivo de adestrá-lo e transformá-lo. A disciplina é um tipo de poder que se dá sobre o corpo individualizado. Paralelo ao poder disciplinar surgiu no final do século XVIII um tipo de poder que se voltará não mais para o indivíduo em particular, mas para a população, e esse mecanismo de poder será chamado por Foucault de “Biopoder”.

O BIOPODER

A partir do século XVIII o homem passa a perceber que é de fato possuidor de um corpo e com isso se reconhece como alguém que pertence a uma espécie. Essa iluminação deu origem a questões

20 De alguma forma, a finalidade do Panóptico é combater a violência sem a força física, mas com táticas de ordem psicológica. Com isso, o indivíduo vê naquele dispositivo algo onipresente e onividente. Essa técnica do controle não é uma novidade moderna, mas está presente já nas mitologias antigas e fora repassada para os contextos religiosos, principalmente nas religiões cristãs, onde a onisciência é um atributo da divindade.

21 É um tipo específico de educação baseada no pensamento do filósofo francês Helvetius (1715-1771). Trata-se de criar várias crianças em diversos sistemas de pensamentos diferentes. Fazer com que algumas delas acreditem em coisas como “a lua é um queijo” ou “dois mais dois não são quatro” e quando elas já estiverem com cerca de 20 anos, juntá-las para que elas possam discutir sobre diversos assuntos. (FOUCAULT, 2010, p. 193.)

que envolvem a vida do homem como algo que deve ser preservado. Esse novo cenário abriu espaço para uma biopolítica voltada para a regulamentação dos processos das massas. Conseqüentemente a biopolítica carecerá de uma tecnologia que deve estar direcionada para dispositivos que devem assegurar a vida da população, pois sua meta é controlar aquilo que possa limitar a vida do homem não em particular, mas no conjunto da espécie humana. Para que isso aconteça será usado um dispositivo de poder que Foucault chamará de “Biopoder”, uma ferramenta fundamental para a tecnologia de poder que irá controlar as massas. A respeito do biopoder Foucault diz o seguinte:

(...) essa série de fenômenos que me parece bastante importante, a saber, o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder. Em outras palavras, como a sociedade, as sociedades ocidentais modernas, a partir do século XVIII, voltaram a levar em conta o fato biológico fundamental de que o ser humano constitui uma espécie humana. É em linhas gerais o que chamo, o que chamei, para lhe dar um nome, de biopoder. (FOUCAULT, 2008, p. 3)

O surgimento de uma nova tecnologia de exercício do poder como o biopoder mostra que as relações de poder não acontecem somente no plano do sujeito em seu espaço restrito, mas amplia-se também para o espaço da população. Nesse caso, a perspectiva do fenômeno individual de adestramento do sujeito, vai ser ampliada e agora serão levados em conta os fenômenos coletivos. Com isso nasce a preocupação com a saúde e o bem estar da população. E para que esses fatores sejam preservados, será iniciada uma política de policiamento²² para evitar tudo aquilo que possa ameaçar a vida da população. Vários procedimentos serão tomados para que se alcance o objetivo de preservar a vida da população, como por exemplo, “[...] uma medicina que vai ter, agora, a função maior de higiene pública, com organismos de coordenação dos tratamentos médicos, de centralização da informação, de normalização do saber, (...) de campanha de aprendizado da higiene e da medicalização da população.” (FOUCAULT, 1999, p. 291). Essas medidas são importantes para que se tenha um certo controle de problemas como o da natalidade e da mortalidade, e esse controle é um dos mecanismo de poder do “biopoder”.

É perceptível a evolução nos processos históricos de desenvolvimento do poder, e para elucidar melhor essa questão é necessário retomar a discussão a respeito do poder soberano, relacionando-o com o biopoder. Essa relação entre essas duas tecnologias de poder é fundamental para que se possa tratar das transformações que aconteceram no direito político do século XIX. Pois, é a partir deste momento que se terá uma complementação do direito de soberania,²³ não com o intuito de excluí-lo,

22 Quando Foucault fala em polícia, ele não se refere somente ao sentido militar, mas, sobretudo à vigilância que será instaurada para que se possa ter um controle melhor sobre a população. (FOUCAULT, 2010. p.187.)

23 Trata-se do direito de fazer morrer ou deixar viver. Os juristas do século. XVIII, fundamentavam o direito em função

mas na intenção de modificá-lo,²⁴ tornando-se o inverso e constituindo-se assim um poder que tem a capacidade de “fazer viver” ou pode também “deixar morrer”. Portanto, enquanto no direito de soberania, existia o poder de “deixar viver” ou “fazer morrer”, no biopoder há uma nova tecnologia de poder que deve “fazer viver” ou pode “deixar morrer”. Portanto, a tecnologia do biopoder aparece com dispositivos de poder sobre a população, que exercerá sobre esse homem coletivo o poder de “fazer viver” e “deixar morrer”, algo que está aquém do poder soberano, que ao contrário, era um poder sombrio, e por sua vez consistia em um poder de fazer morrer.

Do Poder Disciplinar ao Biopoder

Enquanto no poder disciplinar existe uma técnica de adestramento do “homem-corpo” a partir da punição e da vigilância, na segunda metade do século XVIII surge uma nova tecnologia de poder que é diferente do poder disciplinar. Embora o biopoder seja algo novo, ele não descartará a técnica disciplinar, mas integrá-la-á. O biopoder não suprimirá o poder disciplinar, pois, ele está em outro nível na “escala” do poder, ou seja, na medida em que a técnica disciplinar se dirige ao “homem-corpo”, o biopoder se dirige ao “homem-espécie”. Sobre isso Foucault diz o seguinte:

Mais precisamente, eu diria isto: a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos. E, depois, a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença etc. (FOUCAULT, 1999, p. 291).

A técnica disciplinar é a primeira “tomada de poder sobre o corpo que fez consoante o modo de individualização” (FOUCAULT, 1999, p. 291), já no caso do biopoder, existe também uma tomada de poder, porém, não é individualizante, mas “massificante”.²⁵ Essa mudança que se instaurou durante o século XVIII, abriu espaço para o surgimento de algo que é diferente de uma “anátomo-política” voltada para o corpo humano, pois ela vai se dirigir à espécie humana, e por isso será chamada de biopolítica.

dos interesses do soberano. Por isso, foi necessário que esse direito passasse por uma reforma para que se adaptasse com a realidade das sociedades europeias do século XIX.

24 Essa modificação foi necessária na medida em que existia um paradoxo com relação ao poder do soberano, pois quando se constituía um soberano, esperava-se com isso que ele fosse um defensor do direito de viver dos homens e não um déspota que ao invés de protegê-los, usava-os contra o próprio homem que o constituiu soberano.

25 Neste caso, a tomada de poder não será direcionada ao “homem-corpo”, mas ao “homem-espécie”.

Com isso, haverá por parte da biopolítica a preocupação com as relações entre a espécie humana e o meio em que ela vive (FOUCAULT, 1999). Sua importância ocorre em função da população necessitar de boas condições do ambiente para preservar sua existência. Os problemas climáticos e geográficos – assim como as epidemias e outras mazelas – vão afetar diretamente a população. Portanto, é a partir das taxas de natalidade e mortalidade, vinculadas às diversas incapacidades biológicas que a biopolítica vai conseguir extrair o conhecimento necessário para a definição de qual área ela deve intervir com seu poder. Esse poder extraído será fundamental para aperfeiçoar os mecanismos de poder que serão baseados numa espécie de previdência, que tem por objetivo – além de alcançar a baixa da morbidade e a alta da natalidade – prolongar a vida da espécie humana. Para isso serão estabelecidos mecanismos reguladores com o intuito de manter o equilíbrio da população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tentou responder os seguintes questionamentos: Por que a maioria se deixa manipular por uma minoria que acredita ser detentora do poder? Como as instituições sociais formam seus discursos de poder diante dos sujeitos? Como os sujeitos se comportam diante da situação de dominação frente às instituições? Por que alguns afirmam ter o poder e outros acreditam que não possuem nenhum tipo de poder? Essas e outras questões motivaram a realização desta pesquisa. Para responder esses questionamentos tomamos como referência o filósofo francês Paul Michel Foucault, tendo como as principais fontes as obras *Microfísica do poder*, *Vigiar e punir* e *Foucault*.

Nas suas obras nos deparamos com um modelo de pesquisa que Foucault chama de genealogia do poder, no qual se investiga o fenômeno do poder não a partir de uma perspectiva macro, uma análise das estruturas do Estado, mas do micro, no qual há uma diluição do poder nos vários setores da sociedade.

Portanto, baseado nas investigações de Foucault e em toda a problemática apresentada é possível afirmar que o poder existe “nas relações de poder”, e são praticadas em cada setor da sociedade. Essa ideia de que o poder é uma propriedade do Estado, das instituições e das altas classes sociais é uma interpretação limitada do poder. Para Foucault, o poder está em todas as áreas da sociedade – infiltrado nas relações entre as pessoas – e por isso o poder consegue desfiar-se em todo o tecido social, sendo uma prática social comum entre qualquer pessoa que viva em sociedade. O poder é ato, não algo que se pode ser transferido, e sim que se deve ser exercido, por isso, ele é algo que se sofre, se pratica, sendo assim ele é intrínseco as relações sociais. Foucault não tem a intenção de criar uma teoria do poder, pois ele acredita que o poder é algo que está em constante movimento. Não há nas suas pesquisas uma negação da existência do poder nas sociedades modernas, o que ele apresenta

de novo é o modo como esse poder deve ser analisado. Com isso, gerou-se uma nova maneira de se entender o poder, como uma força diluída nas relações sociais e sua ocorrência é constante e em todos os setores da vida.

FOUCAULT: FROM DISCIPLINARY POWER TO BIOPOWER

Abstract: The purpose of this article is to map the elements and issues that enabled the French philosopher Paul Michel Foucault (1926-1984), developing a concept of power based on social relationships. Investigates thus the construction of the power as a mechanism that develops from social relations. Therefore, we will analyze concepts such as genealogy and microphysics of power, disciplinary power, power of sovereignty, biopower and biopolitics.

Keywords: *Power. Genealogy. Society.*

REFERÊNCIAS

- FORNERO, Giovanni. "Genealogia do Poder". In: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5ª ed. São Paulo: Martins fontes, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Trad. Mana Ermantina Galvão – São Paulo: Martins fontes, 1999.
- _____. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- _____. *Historia da sexualidade: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- _____. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.
- _____. *Segurança, Território, População*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins fontes, 2008.
- _____. *Vigiar e Punir*. Trad. Raquel Ramallete. 38ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.
- _____. *El poder psiquiátrico: Curso en el Collège de France (1973-1974)*. Tradução de Horacio Pons. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.
- GALLO, Silvio. "O pensador transversal: O poder como relação". [Editorial]. *Discutindo filosofia*, Ano I, n.6, p. 34-45, [S.D].
- MARINHO, Ernandes R. "As relações de poder segundo Michel Foucault". In: *Revista Facitec*. [S.L.], 02/12/2008. Disponível em <<http://www.facitec.br/ojs2/index.php/erevista/article/view/7>>. Acesso em 19/08/2012.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

Recebido em 03/04/2013. Membro do conselho editorial